



Revista Pistis & Praxis: Teologia e

Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Elias Gaspar, Yuri; Vasconcelos Leite, Roberta
MAHFOUD, M. Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer.
Brasília: Universa, 2012.
Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 6, núm. 1, enero-abril, 2014, pp. 351-355
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449748253018>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



MAHFoud, M. **Experiência elementar em psicologia:** aprendendo a reconhecer. Brasília: Universa, 2012.

Yuri Elias Gaspar^[a], Roberta Vasconcelos Leite^[b]

^[a] Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, Brasil,
e-mail: yurieliasgaspar@yahoo.com.br

^[b] Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, Brasil,
e-mail: vasconcelosroberta@yahoo.com.br

Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer. Escrito por Miguel Mahfoud¹, este livro documenta o empenho do autor em fertilizar a psicologia com as contribuições de Luigi Giussani² para a compreensão do elemento propriamente humano da experiência.

Tanto o título quanto a capa do livro são já provocações para o leitor. Experiência Elementar em Psicologia: de que se trata? Com tantas pérolas à sua disposição, por que esse homem se detém no exame de uma única, cujo grande valor é preciso aprender a reconhecer?

Tomemos a imagem da capa como chave de leitura. A pintura de Cláudio Pastro (1987) é como metáfora do caminho que o autor quer nos instigar a percorrer. Estamos diante de uma pedra preciosa: os fundamentos da experiência humana tal como descritos por Giussani (2009) em sua obra

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), professor associado do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² Filósofo, educador e teólogo italiano, reconhecido internacionalmente por suas contribuições no campo da educação (CHIOSSO, 2009).

O senso religioso. Tendo apreendido a fecundidade desta antropologia aberta à religiosidade como fenômeno humano, Mahfoud (2012) explicita como ela pode ser tomada para a compreensão da multiplicidade de expressões humanas, religiosas ou não. Isso porque Giussani (2009, p. 31) nos aponta a existência de um aspecto elementar, um “impeto original que está na base de todo gesto ou posicionamento humano”, na base da diversidade de expressões culturais e confissões religiosas, dimensão fundante e constitutiva que toca a raiz do humano. Experiência Elementar é definida ainda como conjunto de exigências e evidências que constituem o rosto humano no confronto com tudo, busca irrenunciável por sentido que emerge no impacto com o real e solicita a ir em direção ao que corresponde radicalmente.

Ao trazer a discussão sobre Experiência Elementar para seu campo científico, a psicologia, Mahfoud (2012) não está sozinho: muitos são os pesquisadores que têm se dedicado à apropriação das reflexões de Giussani em diferentes áreas do conhecimento. O trabalho que ora examinamos — fruto de percurso desenvolvido nos últimos anos na Universidade Federal de Minas Gerais, em parceria com outras universidades — é convite a reconhecer como este ponto nuclear, esta pedra preciosa, pode ser a um só tempo o que mais nos singulariza e o que compartilhamos com toda a humanidade. Somos também inseridos no universo de implicações e desafios para o modo como acompanhamos pessoas quando temos diante dos olhos a existência deste ponto objetivo na subjetividade.

Reconhecer esse dinamismo desperta maravilhamento, assim como brilha o olhar daquele que encontrou a pérola, a pedra preciosa. Desperta a esperança que a complexa unidade da pessoa seja recuperada no saber e no labor em ciências humanas, em lugar de nos ocuparmos de fragmentos, decretando o fim do sujeito. Desperta o entusiasmo por ver nascer uma possibilidade de colhermos o dinamismo próprio do ser humano, seus anseios, sua história, seu modo singular de tomar o mundo e responder a ele, seus mais diversos modos de interação e associação coletiva. Lançando a pedra no centro, esta obra quer colher e oferecer movimentos que se propagam em inúmeras direções: reverberações que se abrem à totalidade da pessoa.

Nos três primeiros capítulos, ancorado nas premissas do conhecimento propostas por Giussani (2009), Mahfoud (2012) discorre sobre posturas

que favorecem a compreensão do humano em suas múltiplas expressões. É apresentada a radicalidade de uma posição realista não ingênua, que se deixa provocar pelo impacto do objeto e que avalia o que encontra a partir do crivo crítico que é a Experiência Elementar. O valor da razão é recuperado como modo próprio do humano relacionar-se com o real, sendo razoável a atitude de abertura à totalidade daquilo que nos provoca. A unidade da pessoa, em que se entrelaçam razão e afetividade, é valorizada por meio da moralidade, que — de modo oposto ao moralismo e dogmatismo — se caracteriza como postura justa de afirmação da verdade do que encontramos.

Não obstante a preciosidade do núcleo da experiência, podemos lidar conosco e com o mundo como se ele não fosse o motor do nosso ser. É elaborando o drama e a desumanidade envolvidos nessa questão que Mahfoud (2012) apresenta no quarto capítulo esvaziamentos e reduções: atitudes não razoáveis que assumimos, conscientemente ou não, diante da busca por totalidade que nos caracteriza. Em tais atitudes, nossa pérola não é necessariamente perdida, mas ofuscada ou negligenciada. Por vezes, podemos afirmar que não há sentido em procurá-la; podemos tentar substituí-la por outros caprichos da vontade, como se fôssemos capazes de fabricar o que nos realiza; ou mesmo colocá-la no bolso, distraindo-nos e organizando a vida de modo a não contemplá-la. Podemos ainda reduzir a provocação da sua preciosidade à reverberação emotiva e estética despertada em nós; ou escolher fechar os olhos feridos e desesperados, negando que seu brilho exista e seja sinal de algo; ou mesmo tentar lançá-la adiante, na espera alienante de que o futuro irradie seu valor sem que nos impliquemos com ele no presente.

São esvaziamentos e reduções passíveis de reconhecimento também pelas consequências que geram, tanto em âmbito pessoal quanto na estruturação mesma de nossa realidade social e cultural. No quinto capítulo, Mahfoud (2012) nos convida, então, a reconhecer como o desumano desumaniza: a perda do sentido produz reatividade; rompimento com a memória e o passado; dificuldade em estabelecer diálogos reais e alastramento da solidão — não obstante vivamos a era da comunicação e da hiperconectividade — e, ainda, perda da liberdade e do gosto de viver.

Consequências gravíssimas, que nascem da desconsideração da provocação que o real é para nós. Consequências que nos mobilizam a reconhecer como mesmo uma posição que deseja afirmar um horizonte

grande pode se tornar violenta se incorrer em moralismo, tentando garantir a adesão do outro sem contar com a resposta que cada um precisa dar à própria vida. Colhemos aqui um incisivo chamado de atenção ao modo como temos estruturado nossas relações pessoais e profissionais, não apenas no campo de atuação da psicologia, como também nos âmbitos da educação, saúde, política, religião.

Haveria então espaço para a preciosidade da nossa pérola, em meio a tantas possibilidades de fechamento e negação? A resposta de Mahfoud (2012) no sexto capítulo e na conclusão é a reafirmação do convite de nos voltarmos à experiência e à provocação que ela contém. Aqui está lançado o desafio de um trabalho: não por acaso, o título da obra contém a palavra *aprender*. Trabalho de aprendizado que testemunha como a liberdade que nos caracteriza não é pura espontaneidade: precisamos ser formados, educados a recuperar continuamente a habilidade de responder; a fortalecer a capacidade de reconhecer a preciosidade que temos nas mãos; a manter a atenção à experiência, de onde brota tudo.

Aprendendo a reconhecer: se trata de um processo, que somos chamados a iniciar. Sustentar a abertura própria da experiência é aprendizado contínuo, é retorno constante à simplicidade do maravilhamento ante a pérola que todos carregamos. Chamado não para uma infalibilidade existencialmente inalcançável, e sim para que sejamos ativamente humanos; para que, percebendo com maior rapidez e sinceridade os fechamentos sempre à espreita, aceitemos afirmar com simplicidade os pontos de clareza, os encontros e os relacionamentos que sustentam o amadurecimento de nossa liberdade.

São muitas as provocações a nós ofertadas, às quais somos chamados a responder. Tendo acolhido a provocação lançada por seu mestre Luigi Giussani, Miguel Mahfoud nos entrega essa pérola convidando-nos a apurar o olhar de modo a aprender a reconhecer em cada expressão humana, o brilho do motor que é a Experiência Elementar. Aqui está aberto um horizonte que vislumbramos como uma nova abordagem em psicologia, aberta à pluralidade de expressões humanas e, ao mesmo tempo, à reflexão sobre o sentido último da realidade. Uma nova abordagem que quer mirar o centro da experiência, podendo assim abrir-se ao todo. Sem negar outras perspectivas, convoca-nos a acolher a preciosidade de cada modalidade de compreensão do humano, lançando a provocação de que

não nos ocupemos de aspectos, deixando escapar o ponto nuclear. Trata-se de um chamado a retomar as fontes, teorias e técnicas do labor psicológico, num novo nível de profundidade.

As implicações desse percurso para o modo como acompanhamos pessoas são inúmeras. Seja para psicólogos, seja para os demais profissionais e pesquisadores envolvidos no estudo e facilitação de processos intersubjetivos, o livro oferece pistas preciosas sobre como é possível ser presença que mobilize o outro a reconhecer a pérola preciosa que já está em sua experiência, estruturando-a e dinamizando-a. Mesmo nos momentos de esvaizamento e redução, seu brilho permanece como farol: a própria dor é sinal de uma urgência que grita, de um bem ausente que precisa ser afirmado. A proposta, portanto, não é inserir algo artificial para corrigir um mecanismo, não é burilar a pedra bruta para que ela se torne uma outra coisa: precisamos ler os sinais e identificar um dinamismo já em ato, tocando as exigências fundamentais e podendo ver emergir de novo a unidade da experiência. E somente poderemos ser companhia que auxilia na retomada do elemento propriamente humano da experiência, se nós mesmos estivermos ativos e dispostos a reconhecê-lo e afirmá-lo continuamente.

Referências

- CHIOSSO, G. (Org.). **Sperare nell'uomo**: Giussani, Morin, MacIntyre e la questione educativa. Torino: Sei, 2009.
- GIUSSANI, L. **O senso religioso**. Brasília: Universa, 2009.
- PASTRO, C. **O comprador de pérolas**. 1987. Pintura sobre lonita, 1 m x 0,80 cm.

Recebido: 14/01/2014
Received: 01/14/2014

Aprovado: 27/02/2014
Approved: 02/27/2014